

A Base de Dados como Formato no Jornalismo Digital

Elias Machado¹

Apresentação

No livro *The Language of new media*, o professor da Universidade da Califórnia, em San Diego, Lev Manovich apresenta cinco princípios-chave para identificar as novas mídias: 1) Representação numérica – todos objetos no campo das novas mídias, criados em computador ou convertidos de fontes analógicas, são digitalizados; 2) Modularidade – Um objeto das novas mídias apresenta uma mesma estrutura em diferentes escalas; 3) Automação – A codificação numérica e a estrutura modular permitem a automação de muitas operações na criação, manipulação e acesso; 4) Variabilidade – Um objeto das novas mídias não é um estrutura fixada no tempo, mas pode existir em diferentes, potencialmente infinitas versões e 5) Transcodificação – todos os objetos das novas mídias podem ser traduzidos para outros formatos (MANOVICH, 2001:27/48).

Mais do que leis absolutas obedecidas por todos os objetos definidos como novas mídias, Manovich considera que estes cinco princípios devem ser tomados como sinalizadores das tendências gerais subjacentes à cultura da computadorização. Neste trabalho pretendemos utilizar o princípio da transcodificação para discutir as particularidades da Base de Dados, originalmente uma tecnologia para organização e acesso a dados, como forma cultural com estatuto próprio no jornalismo digital. A partir da aplicação deste princípio defendemos a hipótese de que no jornalismo digital a Base de Dados, como uma forma cultural típica da sociedade das redes, assume ao menos três funções: 1) de formato para a estruturação da informação, 2) de suporte para modelos de narrativa multimídia e 3) de memória dos conteúdos publicados.

1. A Base de dados como forma cultural

Talvez a definição mais simples de Base de Dados seja a de uma coleção de dados

ou informações relacionadas entre si, que representam aspectos de um conjunto de objetos com significado próprio e que desejamos armazenar para uso futuro (GUIMARÃES, 2003:19). Bases de Dados podem ser muito simples ou muito complexas, tudo depende do conjunto de aplicações que se deseja fazer sobre os dados. Uma Base de Dados simples poderia reunir a relação dos bens de uma determinada pessoa física. Bases de Dados complexas, como as utilizadas pelas organizações jornalísticas, que nos interessam neste trabalho envolvem muitos tipos diferentes de dados interdependentes e inter-relacionados. Como devem permitir uma busca e recuperação rápidas, os dados armazenados em Bases de Dados complexas são tudo menos uma simples coleção de itens.

Diferentes tipos de Bases de Dados – hierárquicas, redes, relacionais e objeto-orientados – operam com modelos distintos de organização dos dados (MANOVICH, 2001:219). Os registros em Bases de Dados hierárquicas, por exemplo, são organizados segundo a estrutura clássica da árvore enquanto que Bases de Dados orientadas para objetos são estruturas complexas, chamadas objetos, organizadas em classes hierárquicas que podem herdar propriedades de classes mais altas de uma determinada cadeia. Para os usuários as coleções de itens disponibilizadas na forma de Bases de Dados possibilitam uma diversidade de operações como ver, navegar, buscar ou armazenar informações. De igual modo que a narrativa literária ou cinematográfica é um plano arquitetônico na Modernidade, a Base de dados emerge como a forma cultural típica para estruturar as informações sobre o mundo/ realidade na cultura dos computadores.

Até meados dos anos 90 do século passado uma Base de Dados era um conjunto de dados alfanuméricos (cadeias de caracteres e valores numéricos). Hoje, uma Base de Dados costuma armazenar textos, imagens, gráficos e objetos multimídia (som e vídeo),

umentando muito as proporções das necessidades de armazenamento e a complexidade dos processos de recuperação e processamento dos dados. A principal diferença existente entre as Bases de Dados modernas e classificação mais antiga de coleção de arquivos suportados pelo sistema operacional reside na possibilidade de relacionamento dos dados entre si. Por mais complexa que seja uma coleção de arquivos não reflete o inter-relacionamento que existe entre os dados nem as regras de consistência que explicitam estes inter-relacionamentos (GUIMARÃES, 2003:20).

Chamadas entre os especialistas de regras de negócio, tais regras podem, em alguns casos, ser simples como, por exemplo, requerer que a Lista das fontes que fazem parte dos contatos do Editor de Esportes esteja contida na Lista Global de fontes mantida pela Intranet da organização jornalística e na Lista de Fontes preferenciais do Editor Chefe. Em outros casos, as regras podem ser mais complexas, quando envolvem relacionamentos entre fontes, repórteres de distintas editorias, editores, colunistas, colaboradores e cronistas, por exemplo, refletindo formas complexas e específicas de gestão da informação e de relações entre diversos profissionais envolvidos no processo de produção de conteúdos em uma organização jornalística.

Ao contrário das antigas coleções de arquivos em que as informações são colocadas uma a uma, uma Base de Dados relacional possui uma característica, a atomicidade, que estabelece a dependência de que certas operações sobre os dados devem ser feitas de forma conjunta e indivisível para preservar a consistência do sistema, mesmo na presença de falhas no equipamento ou na comunicação com a base de dados (GUIMARÃES, 2002:21). Por exemplo, a partir de um terminal remoto um repórter atualiza os resultados da rodada do campeonato nacional de futebol. Seria inaceitável que, após a atualização do resultado de um determinado jogo, uma falha na comunicação ou no sistema impedisse uma atualização automática dos demais dados do sistema envolvendo os times ou mesmo os atletas relacionados com o dado alterado antes.

O funcionamento de uma Base de Dados de uma organização jornalística que opera nas

redes digitais requer o acesso simultâneo ou concorrente por vários usuários, cujas operações podem interagir, gerando inconsistências. Por exemplo, dois investidores, baseados em notícias em tempo real, descobrem que seria um bom investimento comprar todos os estoques de soja e autorizam seus agentes a comprá-los. Como somente um deles pode concluir a ação, quanto antes a informação sobre a compra e, se possível, quem comprou, chegar aos demais agentes do mercado, mais rapidamente estes atores poderão se preparar para as consequências desta transação. Em situações como estas somente o controle automático da concorrência, que impede a continuidade de ações contraditórias, tão logo um dado seja computado pelo sistema, pode garantir que o jornalismo acompanhe o ritmo deste tipo de transações, sem correr o risco de divulgar informações inconsistentes. No século passado, quando da vinculação das transações na Bolsa de Mercadorias às informações difundidas pelas redes de telégrafo eliminou as diferenças entre diferentes praças financeiras, para manter o controle do mercado remoto, a Bolsa de Nova York decidiu estabelecer uma diferença de 30 segundos em relação ao fechamento da Bolsa de Boston.

Um lapso de tempo a uma só vez essencial para o processamento quase que totalmente mecânico das informações e necessário para que se especulasse, comprando ou vendendo uma mercadoria que poderia sequer estar mais disponível. Neste começo de novo milênio, em que o tempo entre o fechamento das transações e sua divulgação pode ser de somente 15 segundos, mais que nunca, a redução das inconsistências na produção das informações jornalísticas em tempo real fica atrelada ao desenvolvimento de bancos de dados capazes de fornecer de forma automática os resultados destas movimentações dos agentes econômicos aos jornalistas.

Quando um raio X instantâneo da situação aparece como uma exigência prévia para uma intervenção inteligente em um sistema de ações complexas e interligadas, talvez um dos requisitos mais elementares de uma Base de Dados que serve a uma organização jornalística seja a disponibilização confiável e ininterrupta das informações aos usuários.

A Base de Dados deve ser segura o suficiente para, em caso de falta de energia ou de uma falha operacional, ativar de forma automática dispositivos de segurança capazes de colocar em funcionamento servidores de reserva, garantindo a alimentação contínua de informações que possibilita a intervenção dos atores sociais nos diversos sistemas econômicos, políticos ou sociais. Se o dispositivo de segurança for insuficiente, a Base de Dados jornalística deixa de cumprir com a função de retroalimentar o sistema, o que pode comprometer a racionalidade de todas as ações.

Até aqui vimos as especificidades das Bases de Dados e as suas possíveis aplicações como uma forma cultural que estrutura os sistemas de produção de conteúdos das organizações jornalísticas. A compreensão das empresas jornalísticas enquanto organizações complexas que obedecem etapas previamente programáveis exige a aproximação das teorias do jornalismo da ciência da computação. No próximo tópico veremos como a computadorização da cultura provoca a gradual reformulação das práticas comunicacionais, que passam a adotar conceitos e lógicas oriundas do reino dos computadores.

2. Base de Dados como suporte para narrativas

Naturalmente, nem todas as organizações jornalísticas estão estruturadas como sistemas de Bases de Dados complexas. Seja do ponto de vista da gestão das informações, seja do ponto de vista do armazenamento e recuperação dos dados e, sobretudo, como um suporte para novos modelos de estruturação de narrativas. Uma situação que antes de ser surpreendente chega a ser corriqueira na história dos meios de comunicação, como relata Gosciola:

“A arte de contar histórias é uma qualidade por vezes deixada em segundo plano quando uma nova técnica ou uma nova tecnologia surge. No começo do cinema, as histórias eram muito mais simples e rudimentares até se comparadas às histórias apresentadas pela literatura da mesma época” (GOSCIOLA, 2003:19).

Coube ao russo Lev Manovich o pioneirismo na demonstração de como os trabalhos de multimídia são compatíveis com a forma cultural das Bases de Dados como modelo para a estruturação dos conteúdos apresentados. Para fins didáticos, no livro *The Language of new media*, Manovich opta por, no primeiro momento, contrapor as formas culturais da Narrativa e da Base de Dados. Somente ao final do capítulo que trata deste tópico específico, Manovich defende a compatibilidade entre a noção do Banco de Dados com uma forma de estruturação de informações e como um suporte para novos modelos de narrativa multimídia. Para Manovich os jogos de vídeo, por exemplo, são experimentados pelos usuários como narrativas enquanto que uma variedade de produtos – de CD-ROMs a Sítios Web – o são como Bases de Dados:

“Thus, in contrast to a CD-ROM and Web database, which always appear arbitrary because the user knows additional material could have been added without modifying the logic, in a game, from the user’s point view, all the elements are motivated (i.e., their presence is justified)” (MANOVICH, 2001:220).

Como se trata de uma lista seqüencial de elementos separados (blocos de textos, imagens, vídeo clips e links), uma página web encarna uma lógica similar a dos Bancos de Dados. A natureza aberta da Web a transforma em um meio incompleto e em permanente crescimento. (MONOVICH, 2001:221). Na comparação preliminar que faz entre as duas formas culturais, Manovich caracteriza a Base de Dados como uma lista desordenada de itens, enquanto que a Narrativa aparece definida como uma trajetória de causa e efeito entre eventos, aparentemente, desordenados. Se levássemos ao pé da letra a conclusão que Manovich extrai desta distinção parece que haveria pouco espaço para o desenvolvimento de nossa hipótese de Base de Dados pode servir como suporte para o desenvolvimento de narrativas multimídia: “...database and narrative are natural enemies. Competing for the same territory of human culture, each claims an exclusive right to

make meaning out of the world” (MANOVICH, 2001:225). Mas, logo adiante, o próprio Manovich inverte por completo a situação, quando assume que, por detrás das aparências, todos os novos meios são Bases de Dados:

“In general, creating a work in new media can be understood as the construction of an interface to a database. In the simplest case, the interface simply provides access to the underlying database” (MANOVICH, 2001:226).

Na era dos computadores, defende Manovich, a Base de Dados acaba se tornando a forma cultural que estrutura todo o processo criativo, considerando que um objeto da nova mídia consiste de uma ou mais interfaces a uma Base de Dados de material multimídia. Quando caracteriza a Base de dados como a forma cultural que permite quase que todo o processo criativo na era dos computadores, Manovich percebe que mais interessante que contrapor Narrativa a Base de Dados, para a exata compreensão dos processos culturais em curso, talvez seja mais conveniente redefinir o conceito clássico de Narrativa:

“The “user” of a narrative is traversing a database, following links between its records as established by the database’s creator. An interactive narrative (which can be also called a hypernarrative in an analogy with hypertext) can then be understood as the sum of multiple trajectories through a database.

A partir desta nova definição proposta por Manovich, antes da Base de Dados aparecer como o responsável pelo epitáfio da Narrativa clássica, ao contrário, o caráter multifacético desta forma cultural, permite que a Narrativa linear convencional seja incorporada como uma das possíveis trajetórias escolhidas pelo usuário dentro de uma hipernarrativa. Mas, justo pelo fato do Banco de Dados como forma cultural apresentar um caráter multifacético, que torna pouco recomendável operar tanto com o

conceito clássico de Narrativa quanto com o de Banco de Dados, pode-se incorrer no equívoco de considerar uma sequência de registros arbitrários de uma Base de Dados como uma Narrativa. Nada menos aconselhável. Como sabemos, para receber a etiqueta de Narrativa um objeto cultural deve satisfazer uma série de critérios como ter um narrador, ao menos um ator, e uma história com uma sequência de eventos causados e experimentados pelo ator.

Na verdade, por mais que o caráter multifacético da Base de Dados possa autorizar pensar o contrário, na cultura dos computadores, mesmo que compatíveis um com o outro, Narrativa e Base de Dados mantém cada um seu próprio status:

“In new media, the database supports a variety of cultural forms that range from direct translation (i.e., a database stays a database) to a form whose logic is the opposite of the logic of the material form itself – narrative. More precisely, a database can support narrative, but there is nothing in the logic of the medium itself that would foster its generation” (MANOVICH, 2001:228).

Logo, como acentua Manovich, nada menos surpreendente do que a relevância alcançada pelas Bases de Dados no território das novas mídias. No parágrafo final deste tópico Manovich apresenta uma pergunta: por que a narrativa ainda existe nas novas mídias? A solução do enigma, cremos, tenha sido colocada pelo próprio Manovich: simplesmente porque a Base de Dados pode servir de suporte para o desenvolvimento de diferentes modelos de Narrativa multimídia. Mas, se apesar da compatibilidade com a Narrativa nada nesta forma cultural promove a sua geração espontânea, como podemos constatar pelo escasso uso destes recursos no caso que mais nos interessa neste estudo, as organizações jornalísticas, o que deveria ser feito para melhor aproveitar as potencialidades das Bases de Dados como suporte para criativos modelos de narrativa multilinear e multimídia?

Em primeiro lugar, deveríamos ter claro, como aconselha Roland De Wolk, que contar

uma história multimídia é diferente de tudo o que se faz nos meios convencionais porque a história é construída de diversas maneiras e considera diferentes pontos de vista (De WOLK, 2001:126). Em segundo lugar, deveríamos compreender que, afora os componentes econômicos, culturais ou políticos, a plena utilização das Bases de Dados como espaço para novos modelos de narrativa depende, ao menos, de dois fatores: 1) do desenvolvimento de programas de autoriação compatíveis com as necessidades das organizações jornalísticas e 2) da capacitação de profissionais para contar de forma apropriada às reportagens publicadas.

3. A Base de Dados como memória no jornalismo digital

Se gravar e arquivar o nosso passado parece uma obsessão para a lógica da cultura e da técnica contemporâneas, impregnando não somente o processo coletivo, mas a vida cotidiana, os modos de pensar e as convicções pessoais, por que tão poucas organizações jornalísticas estão estruturadas na forma de Bases de Dados complexas? Um fato mais estranho quando se sabe que desde os anos 1980 a Base de Dados funciona como estrutura para armazenar notícias no organograma das organizações jornalísticas. Um serviço a mais que oferecia aos usuários externos textos memorizados, artigos do próprio jornal ou de outras fontes. O *The New York Times Information Bank*, por exemplo, reunia um total de três milhões de documentos na metade dos anos 80 (COLOMBO, 1991:26).

Ora, talvez tenhamos que voltar a distinção feita entre *mnémè* e *anámnesis* por Aristóteles no *De Memória et Reminiscentia* para compreender os motivos da falta de potencialização das organizações jornalísticas na forma de Bases de Dados. Para Aristóteles a primeira faculdade consiste na simples conservação do passado, enquanto que a segunda possibilita a sua ativação (COLOMBO, 1991:17). Até aqui a vocação para a memória que permeia a cultura e a evolução tecnológica ao conceber o arquivamento jornalístico como conservação do passado favoreceu que o arquivo ocupasse uma função marginal no organograma das

empresas. Uma opção que talvez seja uma possível consequência do senso comum das redações que defende que o jornalismo deve cuidar da cobertura do presente, cabendo o tratamento da memória social à História. Nada mais equivocado, como veremos ao longo deste tópico.

No mundo das redes digitais a memória antes de refletir um passado morto, apresenta parâmetros para aumentar o coeficiente de previsão no fluxo ininterrupto de circulação de notícias:

“O cenário emergente da cultura das redes exige que cada organização jornalística assuma a função de articular um sistema orgânico de saberes, abandonando a metáfora do arquivo como um depósito de registros do passado, uma fonte auxiliar de pistas para reportagens e um guia para o trabalho dos jornalistas”, (MACHADO, 2002:54).

Para cumprir com a nova função toda organização jornalística deve adotar a forma de uma Base de Dados complexa, que sirva, como vimos, de estrutura para a organização das informações, de suporte para composição de narrativas multimídia e, acima de tudo, permita a atualização constante da memória armazenada.

Neste caso, deveríamos inverter o postulado aristotélico que privilegia a *mnémè*, centralizando o processo de preservação do passado na correta impressão da memória, para recuperar a função da *anámnesis*, encarregada de ativar o passado de acordo com as demandas do presente. Enquanto persistir a tradição mnemotécnica fundada pela retórica a lógica do arquivamento nas organizações jornalísticas, incluindo as digitais, estará vinculada à capacidade de armazenar os dados corretamente, ficando a atualização da memória em plano secundário. “O ato de recuperar a informação não é nada além de uma consequência direta que põe em ação mais a vontade do que a competência do usuário” (COLOMBO, 1991:33). Ao usuário cabe eleger numa tela o conjunto de seleções possíveis para aceder de forma remota aos dados disponibilizados, sem possibilidade de colaborar para incrementar a complexidade da Base de Dados.

A manutenção da lógica arquivística nas organizações jornalísticas digitais contraria as características da memória no ciberespaço porque mantém um processo individual e centralizado de produção. Em contrapartida, Palacios (2002:22) considera que a memória no jornalismo digital seja ao mesmo tempo múltipla, instantânea e cumulativa. Se estivesse estruturada como um Banco de Dados a organização jornalística poderia incorporar tanto os usuários no sistema de produção quanto reutilizar de forma instantânea os fundos documentais armazenados. Como o atual modelo de utilização da memória desconsidera as lógicas estruturantes do ciberespaço, os arquivos das organizações jornalísticas são relegados a uma situação marginal na economia produtiva das empresas, seja no processo de produção dos conteúdos, seja como espaço para testar formas diferenciadas de captação de recursos.

O formato padrão do arquivo jornalístico, concebido como um apêndice da organização, ordena o passado como um retrato fixo e imóvel no tempo, enquanto que a verdadeira força do passado, como diz Pedro Nava, vem da multiplicidade e da simultaneidade como são organizadas as lembranças para atender as demandas do presente. “As recordações, sempre contraditórias, vão e vem segundo as solicitações da realidade atual, sempre efêmera e em constante negociação seja com o passado, seja com o futuro” (NAVA, 2000:213). Quando organiza o sistema de produção de forma independente da memória armazenada, fica difícil para a empresa jornalística cumprir com sua função de estabelecer uma mediação entre passado e futuro, dando ao usuário a sensação de que, por viver em um presente contínuo, pode controlar o futuro (GOMIS, 1991:33).

A plena incorporação pelas organizações jornalísticas da lógica dos Bancos de Dados depende da utilização casada das funções de modelo de estruturação da informação, espaço para criação de narrativas e lugar para ativação da memória. Como um simples arquivo do conteúdo das publicações passadas, mesmo que organizada na forma de uma Base de Dados, uma empresa jornalística continua oferecendo ao usuário um conjunto de itens isolados, como resultado de buscas pré-estabelecidas por palavras-chave ou por

datas, por exemplo. Para que o princípio da transcodificação seja aplicável ao jornalismo digital, a Base de Dados deve servir tanto como um espaço para a experimentação de formas diferenciadas de narrativa multimídia, quanto como uma fonte de atualização do presente vivido à luz da memória armazenada.

O primeiro requisito para constituir uma estética própria para as organizações jornalísticas nas redes digitais passa por perceber que nas novas mídias os elementos constitutivos da narrativa são formatados como Bases de Dados. Mais que lamentar que, até agora, a Base de Dados, tenha contado tão pouco como estrutura fundadora das diversas relações estabelecidas dentro das organizações jornalísticas, deveríamos identificar as verdadeiras causas deste descompasso. Afinal, se nossa hipótese estiver certa, o futuro das organizações jornalísticas nas redes, permanece condicionado a capacidade que teremos de traduzir as habilidades potencializadas pelos Bancos de Dados para automaticamente armazenar, classificar, indexar, conectar, buscar e recuperar vastas quantidades de dados em tipos criativos de narrar o passado imediato como se fosse um presente projetado em direção ao futuro (GOMIS, 1991:32).

A estruturação dos modelos de produção de conteúdos jornalísticos como Bases de Dados representa um esforço para adaptar as organizações jornalísticas as características dos sistemas de memorização contemporâneos. Na atualidade, a transferência da responsabilidade de arquivar o passado para os grandes sistemas sociais de memória – como as organizações jornalísticas – revela uma progressiva exteriorização das lembranças individuais e sociais. Uma exteriorização, ao menos se consideramos os modelos de arquivamento nas organizações jornalísticas, contraditória: de um lado, considera-se que o indivíduo deveria confiar cada vez menos na capacidade pessoal de rememoração dos fatos porque se encontra no centro de um sistema de redes informativas, enquanto, de outro, nos sistemas sociais de memorização, incluindo os jornalísticos, cabe ao usuário, como bem define Colombo, atuar como coadjuvante no direito de usufruir de um passado morto (COLOMBO, 1991:119).

Bibliografia

Brody, Florian. “The médium is the memory”. In: LUNENFELD, Peter (Org.) *The digital dialectic*, Cambridge, MIT Press, 1999, pp. 130-149.

Carey, James. *Communication as culture. Essays on media and society*, London, Routledge, 1992.

Colombo, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*, São Paulo, Perspectiva, 1991.

Emery, Henry Crosby. *Speculation on the stock and produce exchanges of the United States*, AMS Press, New York, 1968, 1a ed. 1896.

Fidalgo, Antonio. *Sintaxe e semântica das notícias on-line: para um jornalismo assente em base de dados*, Recife, XII Congresso Anual da Compós, GT de Jornalismo. 2003.

Gomis, Lorenzo. *Teoria del periodismo. Como se hace el presente*, Barcelona, Paidós, 1991.

Gosciola, Vicente. *Roteiro para as novas mídias*, São Paulo, Senac, 2003.

Guimarães, Célio. *Fundamentos de Bancos de Dados. Modelagem, projeto e lingua-*

gem SQL. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

Manovich, Lev. *The language of new media*. Cambridge. MIT. 2001.

Machado, Elias. “O jornal digital como epicentro das redes de circulação de notícias”. In: *Pauta Geral – revista de jornalismo* n° 4, Ano 9, Salvador, Calandra, 2002. pp. 51-68.

Machado, Elias. “Modelos narrativos no jornalismo digital baiano”. In: *Pauta Geral – revista de jornalismo* n° 5, Ano 10, Salvador, Calandra, 2003, pp. 105-119.

Nava, Pedro. *Balão cativo*. São Paulo, Ateliê Editorial/Editora Giordano, 2000.

Palacios, Marcos. “Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória” In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (Orgs.) *Modelos de jornalismo digital*, Salvador, Calandra, 2003. pp. 13-36.

¹ Universidade Federal da Bahia.